

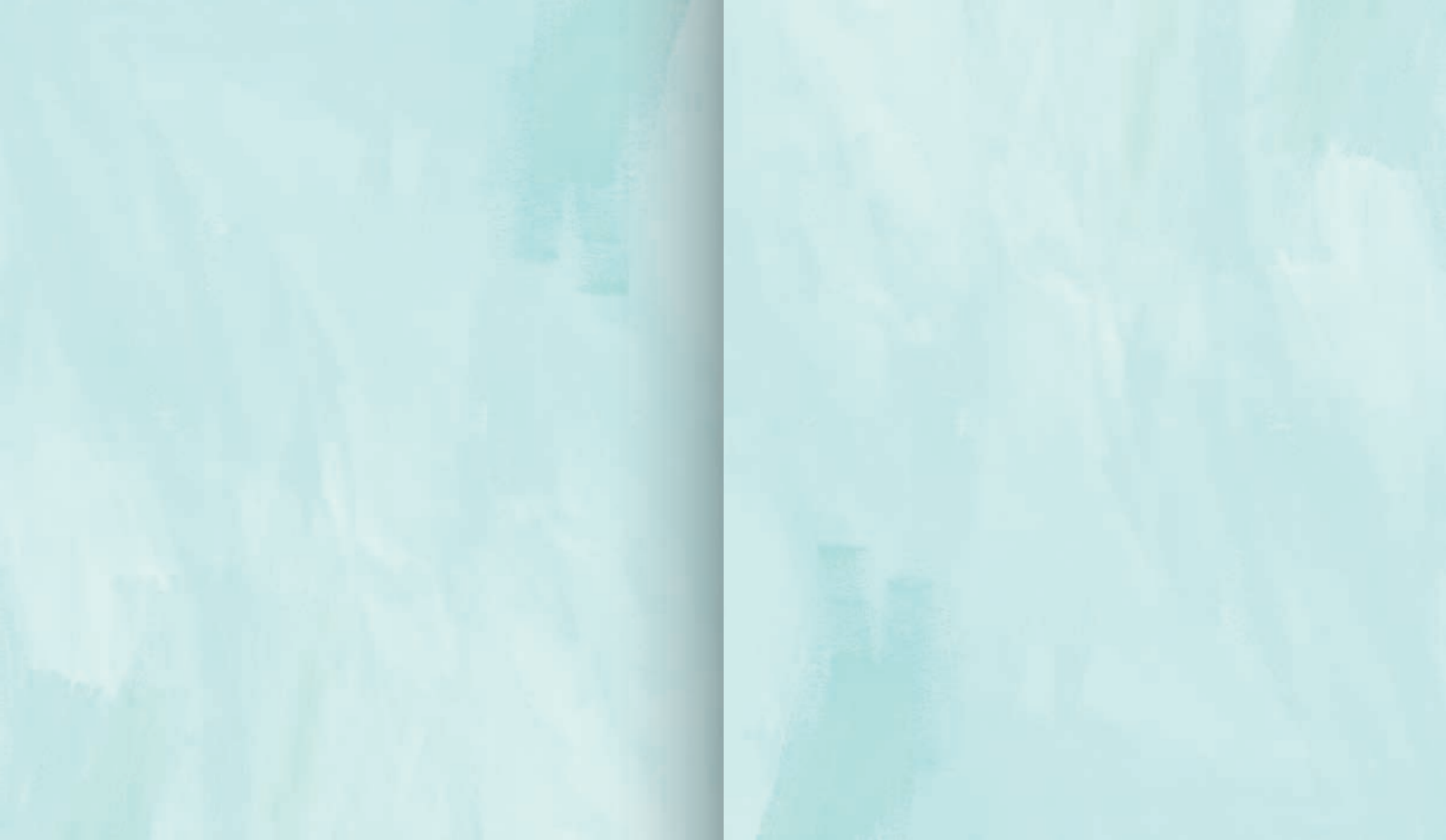
# PARACATU

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS  
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES





# PARACATU

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS

ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES

São Paulo 2015



## Educação que transforma

Segundo dados do Ministério da Educação, a falta de recursos em escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social no Brasil ainda é uma realidade, apesar dos avanços. Além de trabalhar para ser parceira da agricultura nacional, a Monsanto busca contribuir com o desenvolvimento da sociedade brasileira como um todo, principalmente das comunidades onde atua.

E é exatamente isso que faz o projeto A cidade da gente, apoiado pela empresa. A iniciativa viajou por cidades brasileiras e levou alunos da rede pública aos principais núcleos históricos e pontos turísticos de seus municípios, tendo como resultado a publicação de uma série de livros. As impressões coletadas e retratadas pelo autor José Santos em Paracatu dão vida a este primeiro volume.

Conhecer a história do lugar em que se vive é mergulhar na própria origem. Nosso compromisso é tornar as crianças protagonistas de sua história, contribuindo com o desenvolvimento da educação do Brasil.

A contribuição responsável está no DNA da Monsanto. Somos uma empresa agrícola que desenvolve soluções integradas e seguras para auxiliar no avanço responsável da agricultura e da produção de alimentos, mas também investe continuamente em estimular e difundir práticas de desenvolvimento social, pois acreditamos no equilíbrio social, ambiental e econômico. Assim reforçamos nosso compromisso com o desenvolvimento da agricultura brasileira, com responsabilidade e sustentabilidade.

Nas próximas páginas, você acompanha os resultados deste trabalho.

**Monsanto**





## Apresentação

Valorizar a própria história é um degrau para a auto-estima e a realização pessoal. Com esse norte, a coleção **A cidade da gente** investiga a história e o cotidiano de pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com as crianças e professores de escolas públicas locais. O resultado são livros infantojuvenil que prometem se tornar importantes referências de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente onde vivem.

O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de interação do escritor José Santos com a comunidade da Escola Municipal Professora Ada Santana Ribeiro, misturando memória e literatura. E o encontro continuou na página eletrônica do projeto, na qual, além das redações dos alunos, há uma série de sugestões para a investigação dos temas locais em sala de aula.

O patrocínio da Monsanto e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Paracatu foram fundamentais para a realização do livro e distribuição de sua tiragem inteira, gratuitamente, na rede pública de ensino da cidade.

Boa leitura.

## Sumário

10 Povoado de São Sebastião

16 Povoado de São Domingos

22 Caretagem e a festa de São João

28 Rua do Ávila

34 Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos Livres

40 Igreja de Santo Antônio da Manga

54 Banda Lyra

60 Feira livre

66 A culinária de Paracatu

72 Museu Histórico Pedro Salazar Moscoso da Veiga







Quem olhar no mapa verá que a nossa cidade está lá no alto de Minas, bem no noroeste. Ela é conhecida como a "Cidade do Ouro" e tem muita história para contar. Desde o século XVI que estrangeiros já passavam por aqui, nas terras dos tupinaês, dos temiminós e dos amoipiras. E Paracatu é uma palavra de origem indígena, que significa "rio bom".

Moram na cidade muitas crianças. Milhares e milhares, pois nossa população é de mais de 90 mil habitantes. As famílias trabalham em atividades bem diferentes. Na agricultura, plantando e colhendo soja, milho e feijão. E frutas. Na criação do gado nelore e na mineração de ouro. Nossa mina é a maior do país e também é considerada a maior mina em céu aberto do mundo.

A cidade comemora seu aniversário no dia 20 de outubro. Pois nessa data, lá em 1798, o antigo arraial de São Luiz e Sant'Anna das Minas do Paracatu virou a Vila de Paracatu do Príncipe. Graças ao nosso passado colonial, com muitas construções preservadas, fomos considerados patrimônio histórico nacional e fazemos parte do seleto grupo das cidades históricas mineiras, que são apenas dez.

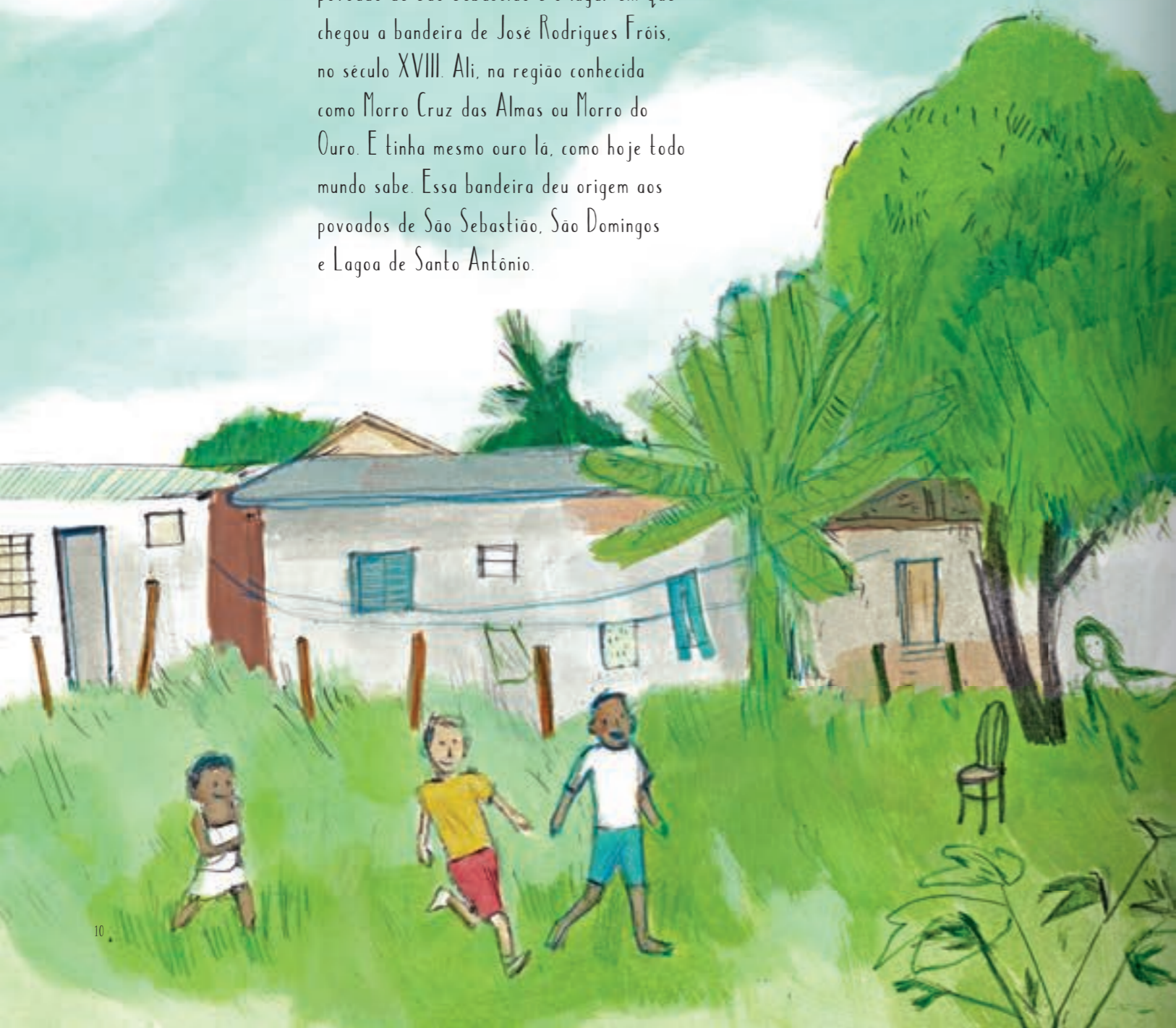
Para contar histórias de Paracatu que envolvem o patrimônio material, o ambiental e o imaterial, o projeto **A cidade da gente** teve uma parceria bem legal com os alunos, professores e funcionários da Escola Municipal Professora Ada Santana Ribeiro, localizada no Povoado de São Sebastião. E com a colaboração apaixonada da historiadora do município, Terezinha Guimarães.

Depois de meses de trabalho, chegou a hora de apresentar o tão esperado livro, um livro de tantos autores, voltado à educação patrimonial, reunindo o olhar amoroso de crianças e adultos à sua cidade.



## Povoado de São Sebastião

Mais um pouquinho de história: onde está o povoado de São Sebastião é o lugar em que chegou a bandeira de José Rodrigues Frois, no século XVIII. Ali, na região conhecida como Morro Cruz das Almas ou Morro do Ouro. E tinha mesmo ouro lá, como hoje todo mundo sabe. Essa bandeira deu origem aos povoados de São Sebastião, São Domingos e Lagoa de Santo Antônio.



São Sebastião está um pouco distante do centro da cidade. Não dá para ir a pé. Só de ônibus, carro, moto, bicicleta ou charrete. São dez quilômetros subindo alguns morrinhos. E quem chega lá fica de bem com a vida. Lugar tranquilo, muitas árvores, muitos pássaros. Crianças correndo para lá e para cá.







A Igreja foi um dos primeiros prédios construídos ali. Pintado de azul e branco, o simpático templo é dedicado, claro, a São Sebastião. E o sino da sua modesta torre tem uma marca de fundição que prova a idade: mais de 200 anos.

Em vários lugares do mundo, o cemitério fica ao lado da Igreja; aqui também é assim. Simples, pequeno, mas bem cuidado. No Dia de Finados, 2 de Novembro, ele sempre fica cheio. Cheio de gente, reza, velas, flores e saudade.





Embora tenha surgido na época da exploração do ouro, a vida do povoado está ligada à agricultura e pecuária. No início do século XX, "do alto do morro de São Sebastião, contemplavam-se canaviais e roças", disse um cronista da época.

Existem na região muitos moradores que mantêm vivos os valores culturais, a festa da caretagem, a culinária e a agricultura familiar. Isso é bom demais! Que continue acesa a chama das nossas tradições.



Em São Sebastião está localizada a Escola Municipal Professora Ada Santana Ribeiro, a escola-parceira do nosso projeto. Graças à participação entusiasmada de alunos e professores conseguimos reunir todas as informações que aparecem no livro.



## Povoado de São Domingos

São Domingos é outro antigo local de Paracatu que respira história, afinal está aqui no Morro do Ouro. E quem visitar o povoado certamente conhecerá seu Aureliano, que tem mais de 100 anos de idade. Toda a sua família vive aqui há gerações e tem muita coisa para contar. Não só ele, mas sua esposa, dona Luiza Lopes dos Reis, que em breve também completará o seu centenário. E os filhos Magna, Isabel, Valdete, Antônio e Benedita.

Seu Aureliano disse que na infância, quando chovia, ele ia para a rua; na enxurrada o cascalho rolava e, depois, procurando bem, as pessoas achavam pequenas pepitas de ouro! Era pegar e colocar no saquinho. Alguém duvida? Então vai lá conversar com ele! E não deixe de pedir para contar o caso do banco "multiuso".





A casa de seu Aureliano fica numa região de quilombos. Você sabe o que é isso? É uma palavra de origem africana, que no Brasil tem o significado de comunidade de escravos fugidos. Sim, fugidos. Afinal ninguém quer ser escravizado, não é mesmo? Eles escapavam das fazendas e casas para viver uma vida livre, em locais bem escondidos. Os quilombos paracatuenses são considerados como dos mais importantes de Minas Gerais. Em três deles, há espaço aberto para a visitação de turistas (os quilombos de São Domingos, do Cercado e do Pontal).



No povoado de São Domingos moram umas 400 pessoas distribuidas em 69 famlias. Elas mant m viva a memória dessa luta pela liberdade. Três grupos formaram a comunidade: a famlia dos Ferreira, dos Lopes e dos Mendanha. As atividades dos moradores são a agricultura, tanto plantando para si mesmos quanto para vender para fora, como fazem com o açafrão. Além disso, trabalham com gado, na olaria e fazendo artesanato de cestaria.   doces também, que são uma delicia.

A comunidade anda muito preocupada em regularizar seus terrenos como território quilombola. É uma maneira de proteger a terra, que   sua há séculos, do olho grande alheio.





Seu Aureliano é bom contador de histórias. E tem uma que todas as crianças das escolas que o visitam gostam. É sobre o tal banco. Não desses de colocar dinheiro, banco feito de madeira mesmo. E esse era usado para tudo na comunidade, para as missas, para as reuniões e até para fazer o velório de uma pessoa que porventura batesse as botas. Pois foi o que aconteceu certa noite. Um grupo de pessoas apareceram na casa do seu Aureliano para pedir o banco emprestado. Era para velar a dona Maria, que havia morrido de velhice.

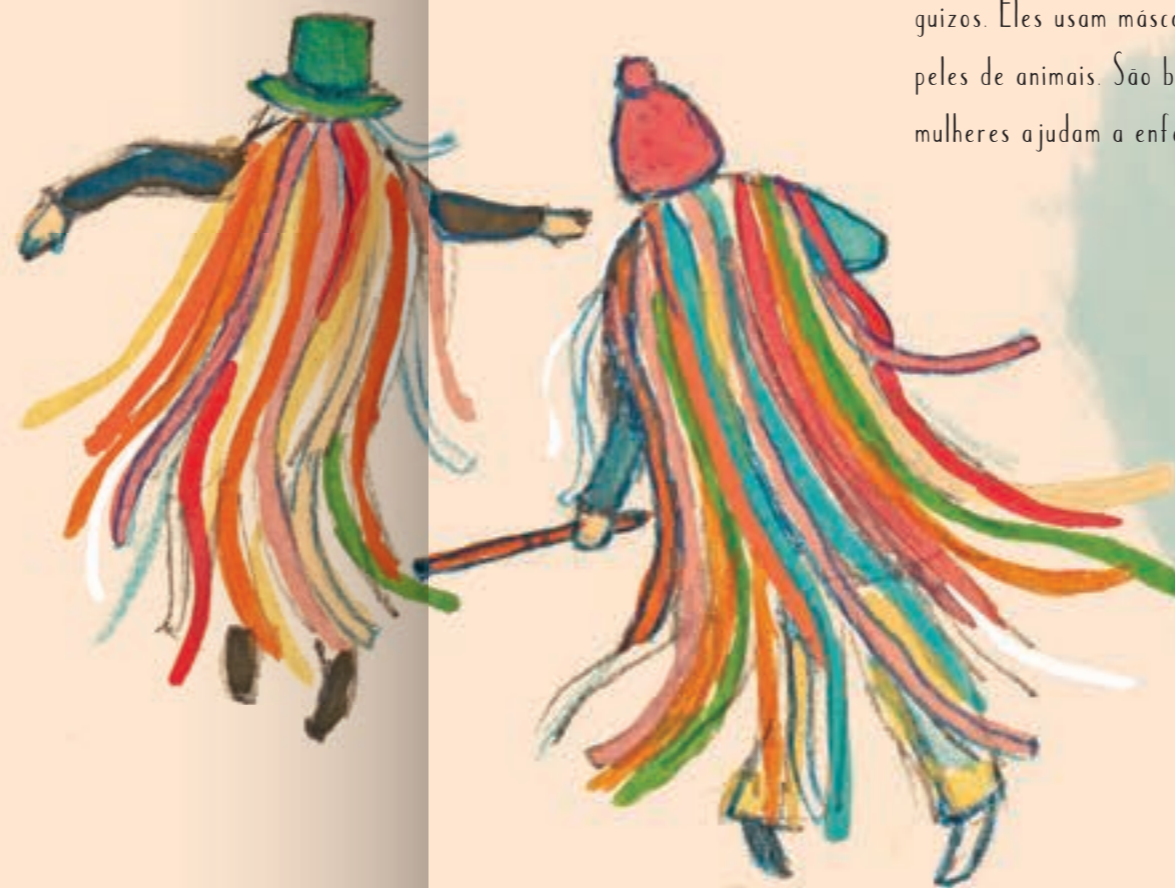
Eles levaram o banco até a casa dela e a colocaram em cima do móvel, com os pés juntinhos e as mãos presas como se rezasse. Estavam todos conversando no quintal quando de repente escutam um barulho! A morta havia se mexido e estava no chão.



Foi um corre-corre, todo mundo fugiu de medo. Mas seu Aureliano, corajoso que só ele, foi lá conferir. Sabem o que aconteceu? O fiel cachorro de dona Maria estava deitado debaixo do banco. Ele se levantou e foi fazer festinhas na dona e acabou derrubando-a no chão. Pois é, não foi nada sobrenatural, apenas um cachorro muito levado.





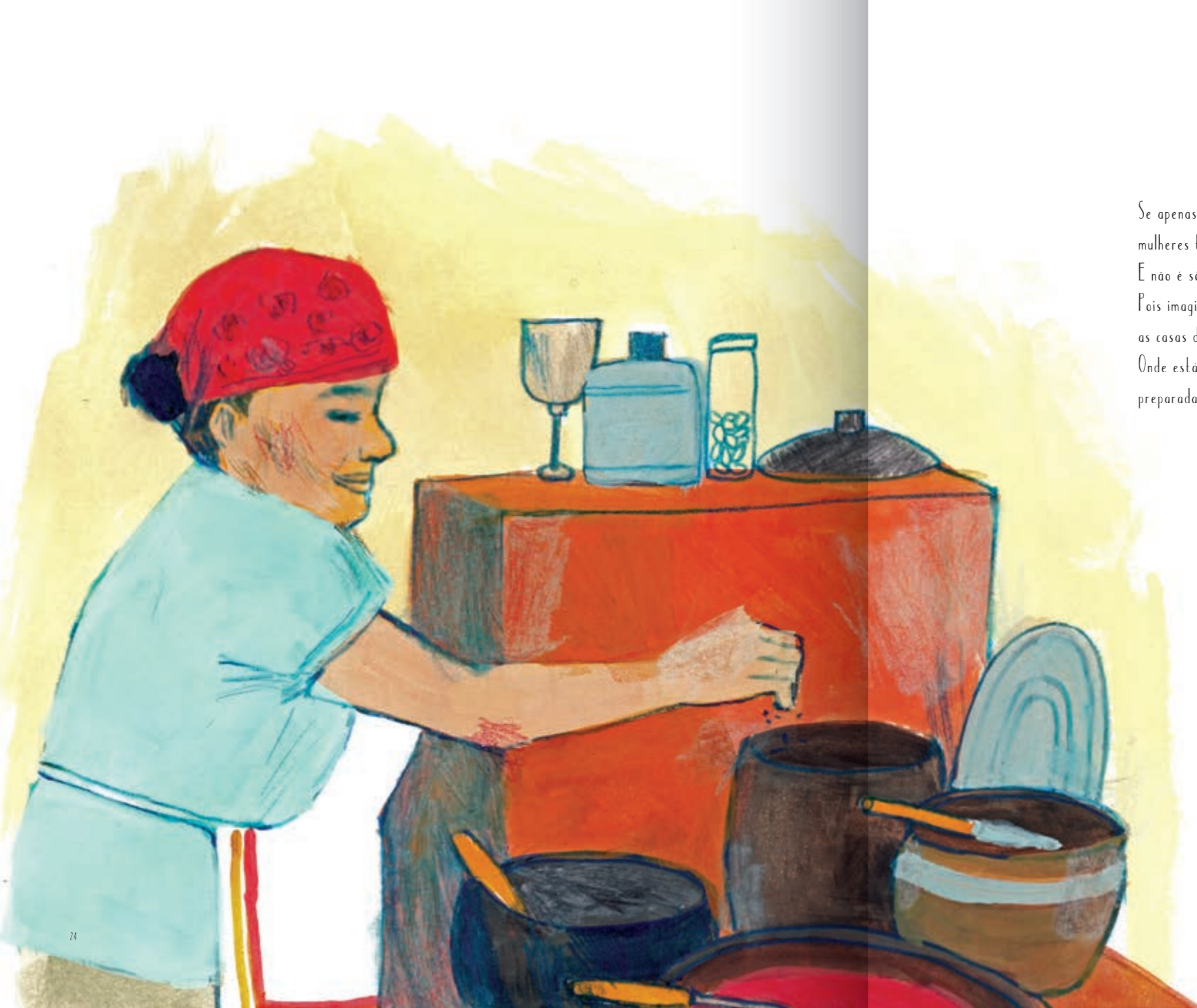


## Caretagem e a festa de São João

Na véspera do dia de São João, 23 de junho, o povoado de São Sebastião é uma agitação... Pois é quando acontece, durante um dia inteiro, a festa da caretagem. São 24 homens, 12 deles vestidos de mulheres, enfeitados com fitas, panos coloridos e quizos. Eles usam máscaras de papel machê, papelão, plástico, peles de animais. São bonitas e divertidas. As crianças e as mulheres ajudam a enfeitar as roupas e fazer as máscaras.

Na frente do cortejo que segue pelas ruas do povoado, vão os músicos tocando acordeom, caixa, pandeiro e violão. E atrás, o resto do povo. É uma coisa muito bonita de se ver. Todos celebram sua fé e a vida de vizinhança. As pessoas se abraçam e festejam, igualzinho ao que se fazia décadas atrás.



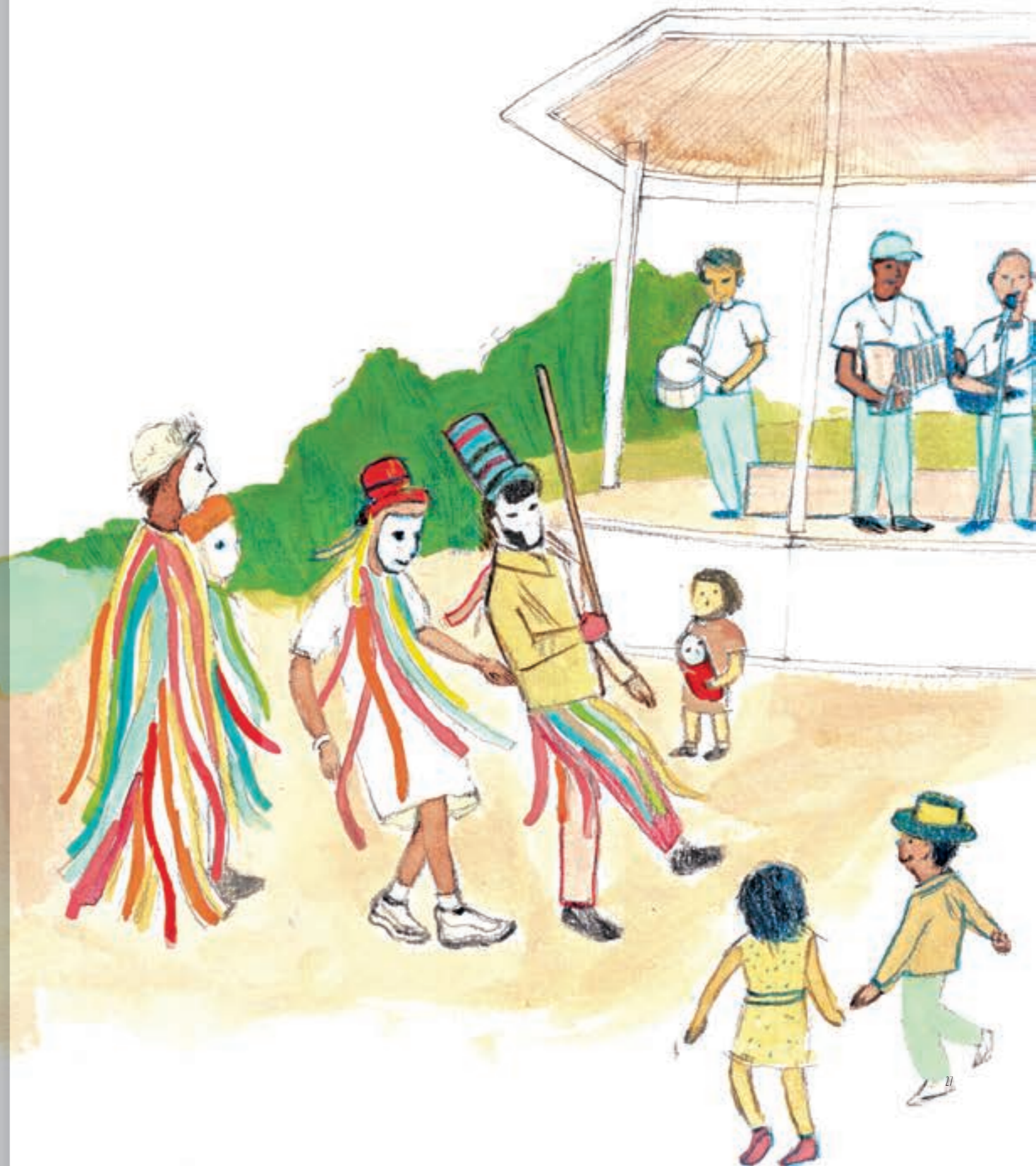


Se apenas os homens podem dançar e tocar, as mulheres têm um papel fundamental na festa. E não é só na feitura das máscaras e roupas. Pois imaginem o que é os foliões ficarem visitando as casas do povoado por 24 horas, sem parar? Onde está o combustível para isso? Pois é, são preparadas comidas deliciosas e em grande quantidade.

Vejam se não é de dar água na boca o que é servido: farofa de feijão andu, frango, sarapatel, caldo de galinha engrossado com mingau de milho verde, quibebe feito com mandioca e vaca atolada. Ainda fazem parte do cardápio caldo de mocotô com milho verde, arroz, farofas variadas, salada, pão de queijo, broinha de fubá, canjica, esfirra caseira e pipoca. Para beber, as crianças têm sucos e refrigerantes. E para os adultos, há café, quantão, pinga com raízes e catuaba. Bem alimentado assim, o pessoal canta e dança dia e noite. É uma verdadeira "virada cultural".



A caretagem no São Sebastião surgiu por volta de 1920, sob o comando de Dacinho, e mantém sua origem africana com pequenas adaptações. Após as orações em louvor a São João, na residência do líder, o grupo sai visitando a casa dos membros da festa. E depois a dos outros moradores. As crianças estão sempre presentes, prestando atenção em tudo. No futuro, elas é que conduzirão os festejos.





# Rua do Ávila



Quem passar pela primeira vez na rua do Ávila acaba achando o mesmo que toda a gente de Paracatu. É a região onde se encontram as mais belas edificações da cidade. E não é só de casas históricas e bem cuidadas que essa rua ficou famosa pelo mundo. Ali estão a Casa de Cultura, a Academia de Letras do Noroeste de Minas, a casa do Coral Stela Maris e dos cursos de pintura e desenho. Além das duas casas que vendem produtos dos artesãos de Paracatu. Nossa, quanta coisa para se falar! Será que vai caber tudo neste livro?





A rua do Ávila pode ser considerada a "rua da resistência". Seus casarões têm lutado contra o tempo, vitoriosos, em toda a sua mineiridade. O Largo da Jaqueira e a rua do Ávila, além de serem vistos como lugares de maior presença das famílias tradicionais de Paracatu, foram o reduto dos intelectuais da cidade. Vários doutores, escritores e filósofos moraram ou nasceram lá.



E vamos falar dos moradores? Ali residiram as educadoras Zenóbia Vilela Loureiro, sua irmã Ana, Júlia Camargos, Márcia Roriz, dona Maricota, dona Carmen, Marta Brochado e Lana Santiago, as duas últimas vivas e ativas.

E filósofos, escritores e poetas. Pero Botelho, Branca e Beatriz Botelho, além de dona Carmen e seu Petrônio que escreviam ativamente até um dia desses. Rua do Ávila, uma rua de muitas memórias.



## Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos Livres

Numa quarta-feira de muito calor, aconteceu um passeio que deixou os alunos da Escola Ada Santana na maior alegria. Eles fizeram uma excursão ao centro da cidade, para visitar vários locais históricos. Começaram o passeio lá na Igreja do Rosário. Eles tomaram notas, tiraram fotos com câmeras e celulares. Depois produziram textos muito interessantes e que ajudaram bastante na escrita deste livro.

Há 250 anos já se falava nessa Igreja. Ela foi edificada a partir de 1744, lentamente, para ser a igreja dos escravizados, dos pobres e da gente negra. E, de pouquinho em pouquinho, está aí até hoje. A elite branca frequentava outra Igreja, a de Santo Antônio, onde, até tempos atrás, os negros não podiam entrar lá, uma herança triste do passado colonial.





O altar da Igreja do Rosário é uma obra de arte, ricamente esculpido em madeira. Na Porta do Sacramento, disfarçada em uma folha de parreira, encontra-se a representação da cabeça de um homem negro. Palmas para esse artista genial e anônimo, que tapeou a vigilância dos senhores do ouro e colocou alguém dos seus dentro da Igreja.

Uma curiosidade: apesar do templo ser dedicado a Nossa Senhora do Rosário, o santo de maior devoção é São Benedito. E todos os anos, no dia 29 de junho, a Igreja é tomada para ser o ponto inicial da procissão do santo negro, a mais destacada da cidade.





A festa de Nossa Senhora do Rosário não é mais celebrada e a de Santo Antônio nem se compara em número de fiéis e em popularidade com a festa de São Benedito. A Igreja do Rosário teve sua importância reconhecida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, quando foi, enfim, tombada em nível nacional. Mas preste atenção: para quem trabalha com patrimônio histórico, tomba não significa derrubar, jogar no chão, demolir. É justamente o contrário: o prédio tombado é aquele que ninguém pode alterar e deve ser preservado para sempre.





## Igreja de Santo Antônio da Manga

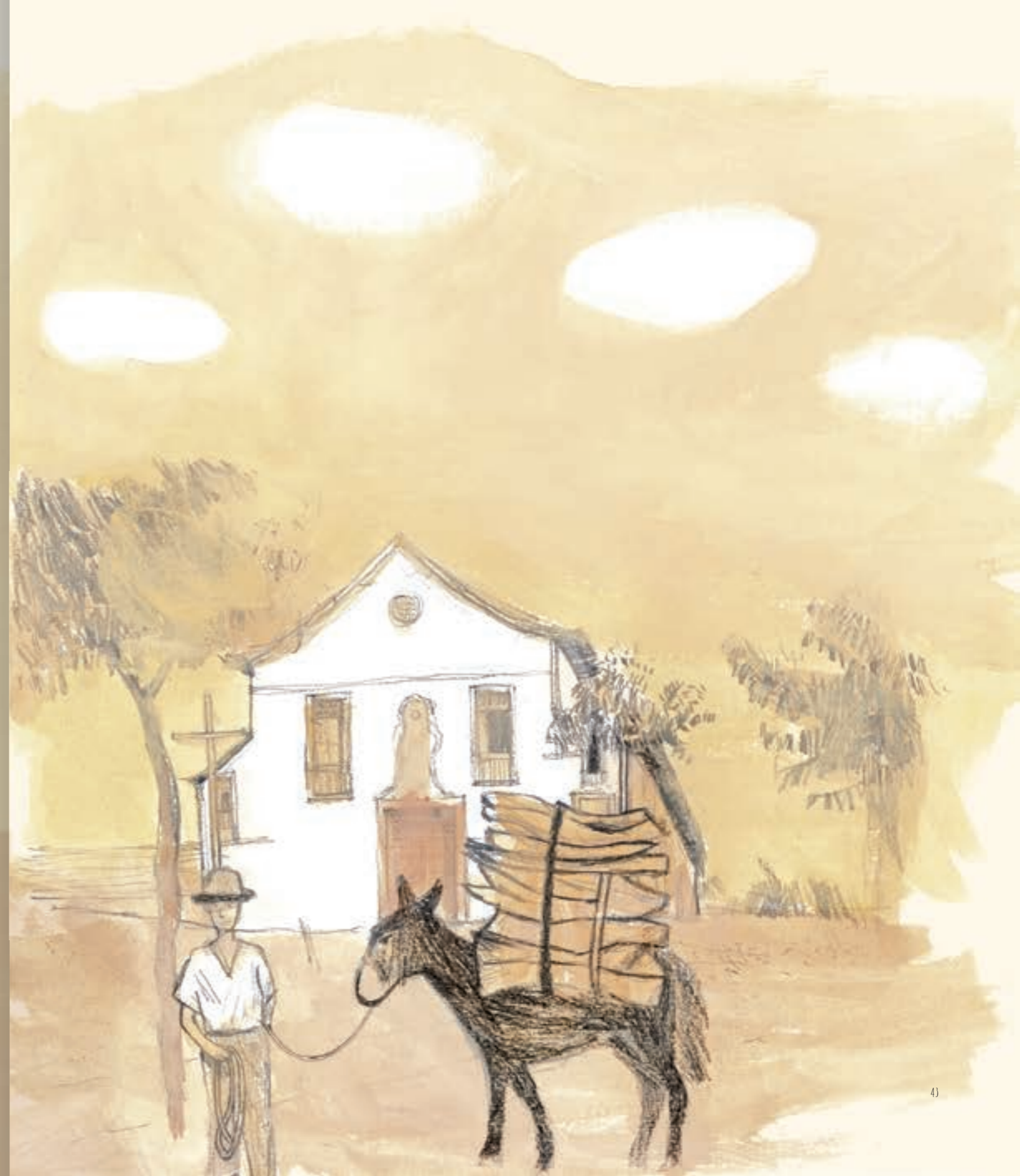
Santo Antônio é santo importantíssimo. Nascido em Portugal, foi um doutor da Igreja, homem de muita leitura e ação. Morou em Lisboa por um bom tempo, depois se mudou para a Itália. Tem gente que acha que ele era italiano e fã de espagete com gorgonzola, pois também era conhecido como Santo Antônio de Pádua. Só que ele é portuguesíssimo. Seja de Pádua ou de Lisboa, o santo é o mesmo. Festejado no mês de junho, com fogueira e bandeirinhas, ele é o protetor das noivas e dos casamentos. Mas o que tem a manga a ver com isso? Veja logo aí na frente.





Ah, a questão da manga é muito simples. O padre Antônio Mendes Santiago chegou a Paracatu por volta de 1744, e começou a obra dessa Igreja. Mas, antes, ele havia morado em São Romão, na época conhecida como Arraial de Santo Antônio da Manga. Ele se mudou, mas trouxe consigo o seu santo de devoção. E, pelo visto, a manga também.

Um arquiteto local nos deu boas explicações sobre a Igreja. "Ela foi edificada em linhas simples, com a fachada no autêntico estilo barroco jesuítico. Nela se encontram altares trabalhados, todos em cedro. O altar principal já foi da Igreja de Sant'Anna. Ainda podem ser admirados os altares laterais e as imagens de Santo Antônio, São Miguel Arcanjo, Nossa Senhora da Piedade e o crucifixo do altar-mor".





Na reforma de 1950, a Igreja perdeu sua escadaria, pilares e cruzeiro. Mas a fileira de palmeiras permanece. Plantadas em sua lateral uma a uma pelo major Demóstenes Roriz. Mas não foi tudo junto. Cada vez que um filho nascia, o major plantava uma muda. Conte quantas são as palmeiras e descubra quantos filhos a esposa do major trouxe ao mundo...

A Igreja de Santo Antônio teve a importância reconhecida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e a data de seu tombamento é 1962. É mesmo uma Igreja muito importante.

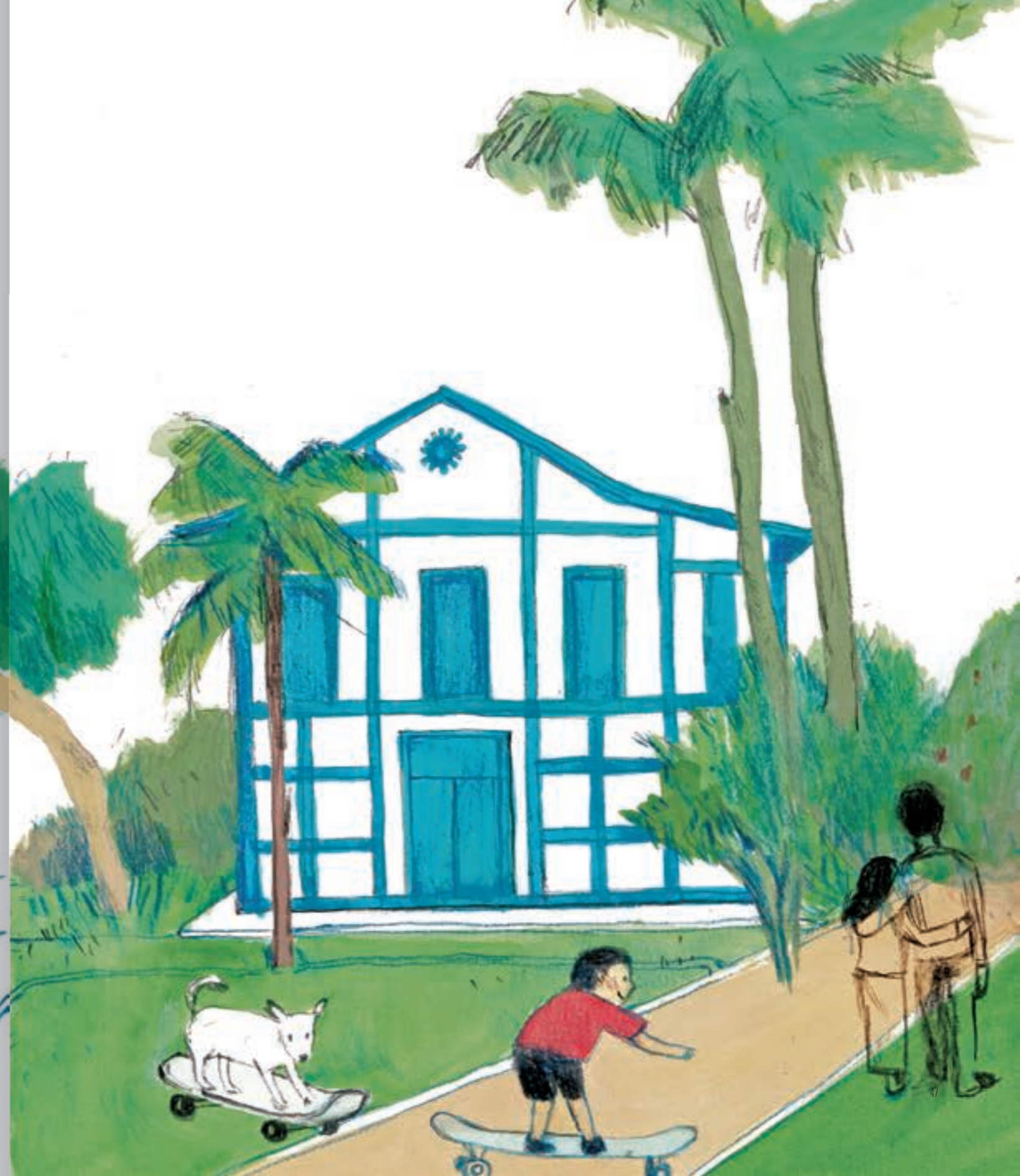




## O Santana

O Largo do Santana é testemunha do surgimento de Paracatu, quer dizer, do antigo Arraial de São Luiz e Sant'Anna das Minas do Paracatu. Ali, no Córrego Rico, os primeiros bandeirantes apareceram já em 1733 e encontraram muito ouro, o chamado ouro de aluvião. Era aquele que fica no leito dos rios e é fácil de ser extraído, usando a peneira ou a bateia.

No Largo, as lavadeiras estendiam as roupas para secar, boiadas passavam com os tropeiros e as crianças brincavam até o por do sol. É o bairro mais antigo da cidade, e quem mora ali gosta tanto que não se muda para outro lugar. De jeito nenhum.





Havia uma tradição entre os primeiros habitantes do Santana: sempre plantar uma paineira junto com a edificação de uma Igreja. Assim, quando foi inaugurada a Igreja de Sant'Anna em 1736, foi plantada a árvore que ficou conhecida como "Barriguda". E, de tão antiga, há quem diga que ela já estava lá antes mesmo da Igreja foi construída.

É preciso falar muito dessa árvore, pois em cada folha ela trouxe uma história. Mas, antes disso, vamos conhecer o campo do Santana. É um campo de futebol oficial, gramado, com traves, vestiário e tudo mais. Grandes craques da cidade, como Dario Alegria, já passaram por ali. E muitas crianças vão lá até hoje jogar bola depois das aulas.



Quem está no Largo e segue para trás da Igreja, vê logo à sua esquerda uma paineira florida. Uma árvore jovem, não tem dez anos de idade ainda. Ela possui até um apelido carinhoso: "Barrigudinha". Antes dela, naquele mesmo lugar, reinou outra paineira, durante mais de 270 anos. As paineiras são das mais belas representantes da nossa flora, e podem ser vistas em grande parte do Brasil. Em Minas, então, é paineira para todo lado. Mas essas de Paracatu são especiais. Pois já viraram um patrimônio da cidade. Patrimônio histórico... e natural também.





Tanto o seu João Batista, dono da venda, ou a cabeleireira dona Regina confirmam: a “Barriguda” já estava lá quando Paracatu foi fundada e lhes deu bom fresco nos verões abafados de outrora. Debaixo da sua copa ensombrada, amigos se viam, namoros se formavam, crianças pulavam corda e seus avôs contavam histórias do tempo em que os bichos falavam. No mesmo ano em que partiu para o céu dos vegetais, uma nova muda foi plantada. Graças à colaboração de dona Zizinha, antiga moradora da cidade. Dona Zizinha fez um gesto maravilhoso. Guardou uma mudinha da velha paineira em sua casa e com isso, quando a “Barriguda” se foi, havia uma filha sua para ocupar o lugar e preservar as belezas do Santana.





## Banda Lyra Paracatuense

O sonho do senhor José era ensinar música. Mas a coisa não era fácil aqui em Paracatu. Toda semana, José saía de sua casa com o lampião na mão, passava pelo Beco dos Mal Casados até chegar à porta da Escola Normal, hoje Casa de Cultura, na rua do Ávila.

Ele entrava, encontrava uma sala cheia e se enchia de satisfação. Que coisa mais linda aquela gente toda reunida ali, querendo saber o segredo dos instrumentos musicais. José Gonçalves de Araújo adorava ensinar o ABC da música. ABC não. O dó-rê-mi...







Depois, os integrantes da banda passaram a ensaiar na própria residência do seu José. E lá não faltava nada. Dona Dirce, sua esposa, cuidava até do lanche oferecido aos músicos após os ensaios. E a história não parou por aí. Em outubro de 1961, o movimento deu origem a uma sociedade musical, a Banda Lyra Paracatuense. Primeiramente ofereceriam aulas. E, anos mais tarde, formaram uma banda de música que existe até hoje. Entre o repertório da banda estão marchas, hinos e música popular brasileira.





Um dos músicos mais queridos da Banda Lyra é o seu Pedro Alves Santana, o "Pedro Cheiro". E o apelido surgiu assim: seu irmão jogava futebol e levou uma bolada tão forte que quebrou o nariz, o "cheirador". Na hora, virou o "Cheiro". E seu Pedro, como irmão, ganhou também o curioso apelido.

Descobrimos que na Escola Ada Santana trabalha uma das filhas do seu Pedro, a bibliotecária Mércia Santana. E ela contou coisas interessantes sobre o seu pai: "Era um homem de fino trato, bom humor e dono de uma cultura musical impar. Compunha, cantava, tocava e ensinava. Começou na Banda tocando bombardino e trombone. E não parou mais. Minha mãe, a dona Lôra, dizia aos oito filhos: 'Não façam muito barulho, seu pai precisa ensaiar. Hoje vai ter tocata'.

Sabiam que ele nunca faltou a uma única apresentação? Sempre com a farda impecável e um sorriso doce. E seu legado continua, pois o atual diretor artístico e maestro da Banda Lyra é o seu neto, Guilherme Santana."

Seu Pedro foi convocado para tocar na "divina orquestra" em 2012 e, junto com seu José e outros companheiros, deve continuar compondo entre as nuvens.





## Feira livre

A nossa feira acontece todos os sábados, atrás do edifício onde funciona a Prefeitura Municipal. Porém, por volta dos anos de 70 ou 80 do século passado, ela existia atrás da Igreja do Rosário. Nela se encontram artesãos expondo trabalhos (bordados, pinturas, esculturas, utensílios domésticos), verduras e legumes fresquinhos, doces, culinária típica, raízes medicinais e guloseimas feitas na hora, como o caldo de cana com pastel. É um ponto de encontro e reencontro do povo de Paracatu.







Há muito tempo que os paracatuenses vivem a tradição de ir à feira nas manhãs de sábado. Às quatro da madrugada já se ouve o movimento dos feirantes, chegando com as mais diversas mercadorias, como carnes, peixes, verduras, quitandas, artesanato, bebidas e salgados.

A feira é uma grande e alegre reunião de gente da cidade, que mantém unidas a cultura e a economia em uma parceria muito bem-sucedida.



Muitos moradores do povoado de São Sebastião montam barracas na feira onde oferecem diversos produtos da terra. Principalmente os que vêm da cana-de-açúcar: garapa, pinga, rapadura e melado. Você já adoçou seu café com rapadura? Não? Então não sabe o que está perdendo.







As crianças aproveitam demais a feira.  
Afinal, tem muita coisa de que elas gostam  
por lá. Fizemos até uma listinha: bonecas de  
pano e outros brinquedos feitos à mão, como  
pião e carrinhos. Bolos de fubá e laranja.  
Doce de leite, goiabada, marmelada, frutas  
fresquinhas, bombons caseiros e o famoso  
Bolo de Domingo. E o pastel. Ah, o pastel  
mais gostoso de Minas Gerais sai dali.  
Vamos marcar um encontro na feira no  
sábado que vem?





## A culinária de Paracatu



Alguns dos principais pratos da culinária regional mineira são o feijão tropeiro, o angu de subã com frango, a paçoca de carne seca, as farofas e o lombinho de porco. E tem pernil assado, leitão à pururuca, torresmo, tutu de feijão. É prato que não acaba mais. Usando a carne do porco e do frango, além de verduras deliciosas como a taioba, a couve e o ora-pro-nóbis, a comida mineira conquistou o paladar do Brasil e do mundo.

Hoje em dia a gente já pode dizer sem medo que a culinária também faz parte do nosso patrimônio, do chamado patrimônio imaterial. O frango com quiabo e o vatapá são tão importantes quanto a Igreja do Pilar, em Ouro Preto, e a praia de Itapoã, em Salvador.





A nossa cozinha vem lá do século XVIII, misturando as experiências dos índios, dos africanos e dos europeus. Era a época do ciclo do ouro, e Minas estava coalhada de tropeiros, indo e vindo o tempo todo, fazendo as mercadorias circularem.

Sim, porque quando o Brasil ainda era Colônia, o transporte das mais diversas mercadorias era feito por tropas a cavalo ou em lombo de burros e em carros de boi. E os homens que guiavam esses animais eram chamados de tropeiros.



Até a metade do século XX, os tropeiros ainda cortavam parte do Estado de Minas Gerais conduzindo gado. Um grande escritor de Paracatu, Afonso Arinos de Melo Franco, nascido no século XIX, fez boas histórias sobre essas andanças de animais fascinantes e gente mais ainda. Em viagens que duravam muitos meses, na hora do rancho, ou seja, da comida, os tropeiros faziam um feijão muito especial. Era feito com cebola, alho, farinha de mandioca, torresmo, linguiça e ovos, e virou o prato básico do cardápio dos cavaleiros, tanto que ganhou esse nome: feijão (de) tropeiro. Se vier a Paracatu, não deixe de experimentar essa maravilha!





O Bolo de Domingo é quitute típico paracatuense, uma das riquezas de nossa cozinha. Olhem só os ingredientes. Farinha, fubá de arroz, açúcar, fermento, banha, óleo de soja, leite, água, erva-doce e noz-moscada. Quem vai falar sobre ele é a dona Terezinha Batista Pimentel. Com mais de 80 anos, essa quitandeira de mão cheia conhece todas as artimanhas para preparar receitas tradicionais. "Naquela época, a farinha de trigo não chegava aqui. Então, eles inventaram o bolo de quirela com fubá de arroz." Entre os segredos do bolinho, a cozinheira ensina que o mais importante é ficar de olho no tempo de fermentação. Na hora de assar, outra dica é usar o forno à lenha, para que a quitanda fique bem coradinha. Pode-se comer no domingo... e no resto da semana também.





# Museu Histórico Pedro Salazar Moscoso da Veiga



Nossa cidade é cheia de coisas interessantes. E uma delas é nosso Museu Histórico. O prédio em que está hoje o Museu foi construído em 1903 para funcionar como Mercado Municipal da cidade, e já teve muitas funções. Mas somente em 2000 foi que uma grande coleção de objetos, fotografias e documentos sobre nossa história ganhou essa morada especial, ali pertinho da rua do Ávila.





Quando visitamos o Museu, aprendemos muito sobre a vida e os costumes do povo de Paracatu. E quanta gente circula por lá! Escolas da cidade, escolas rurais, turistas, antigos moradores com seus filhos e netos, que fazem uma animada conversa sobre o passado e o futuro. As crianças, curiosas por natureza, se interessam por saber como era a vida no tempo de seus avôs e bisavôs. E podem conhecer chocalhos, arcos e flechas dos povos indígenas da região, instrumentos usados na mineração do ouro no século XVIII, objetos e imagens que mostram a vida dos escravos e instrumentos usados para castigá-los. Coisas tristes de se ver, mas que não podem ser esquecidas, para que esses fatos nunca mais se repitam.





É sabem o que mais? Nas 980 peças da exposição permanente, temos fotografias e imagens antigas, mostrando como era a vida na cidade. Camas e objetos de quarto do século XIX. Até um palanquim, que era um móvel de madeira onde os escravos carregavam os preguiçosos senhores que não eram chegados a andar a pé. É uma coleção de moedas antigas, equipamento de projeção de filmes, instrumentos musicais usados na festa da caretagem. Nossa, é muita coisa. Quem for lá, avise pra gente o que faltou colocar nessa lista, que numa outra edição nos atualizaremos, combinado?

É aqui, na porta do Museu, depois de uma gostosa viagem no espaço e no tempo, a gente termina o livro da nossa cidade. Viva Paracatu!









Edição: Otavio Nazareth

Projeto gráfico: Daniel Brito

Ilustração: Nara Isoda

Revisão: Guilherme Salgado Rocha

Produção editorial: Monique Rosa

Tratamento de imagens e produção gráfica: Ângelo Baima

Impressão: TypeBrasil

Agradecemos a toda a comunidade de Paracatu, que nos recebeu de braços abertos e com muito interesse pelo projeto. Em especial, aos alunos, professores e funcionários da Escola Professora Ada Santana Ribeiro, à Secretaria Municipal de Educação de Paracatu, à historiadora Terezinha Guimarães, da Secretaria Municipal de Cultura e à equipe local da Monsanto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Santos, José  
Paracatu / José Santos ; ilustrações Nara Isoda. -- São Paulo : Editora Olhares, 2015. --  
(Série A cidade da gente ; v. 1)

ISBN 978-85-62114-51-9

1. Literatura infantojuvenil 2. Paracatu - História -  
Literatura infantojuvenil I. Isoda, Nara. II. Título. III. Série.

15-09292 CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5



Produção executiva Apoio

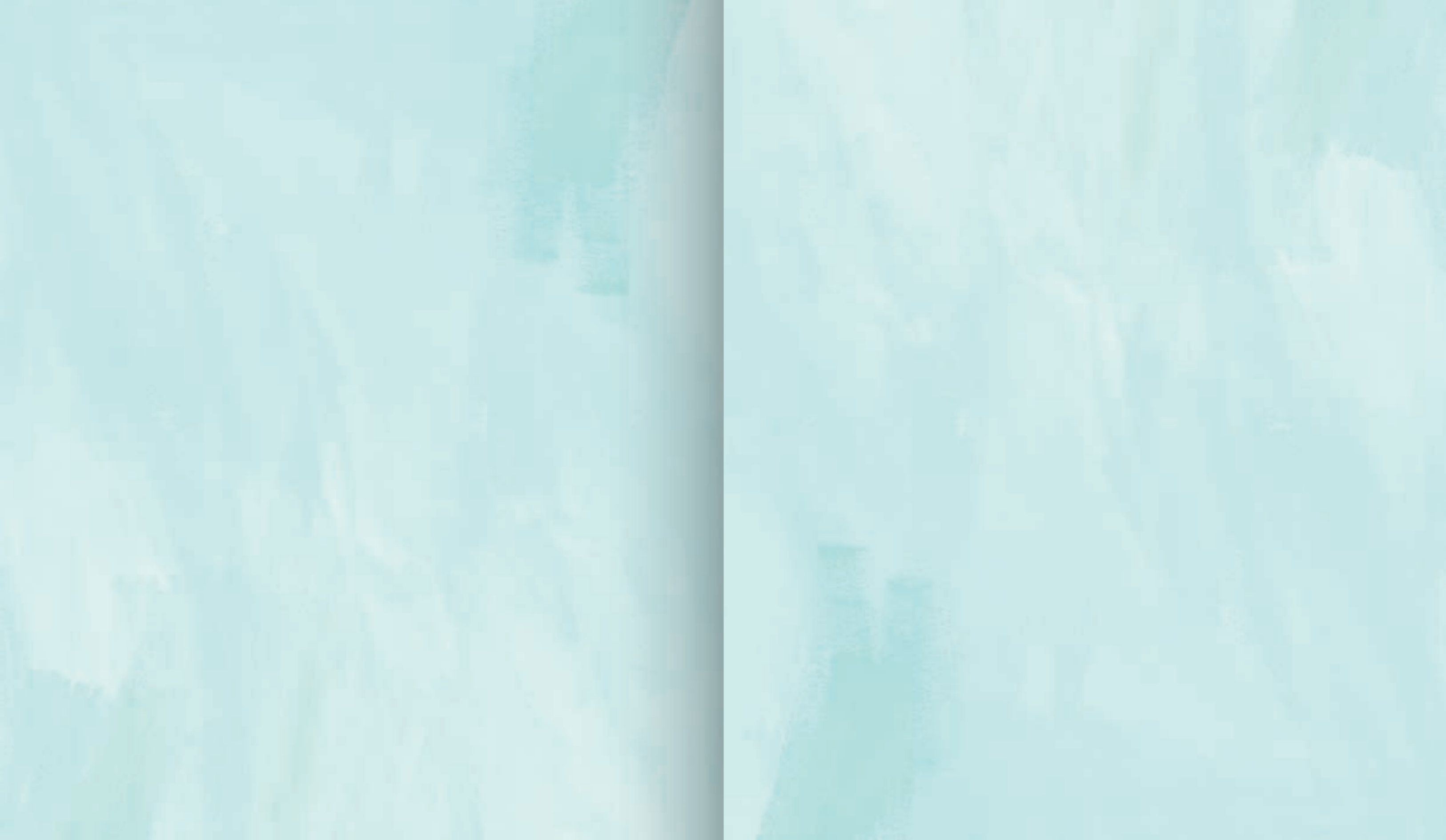


  
**OLHARES**

© 2015 Editora Olhares e autores.

Este livro foi composto em Gotham e Tall Abbey, impresso pela gráfica  
TypeBrasil sobre papel offset 120g em 2015.







Era uma vez Paracatu. Um dia a gente que morava lá  
percebeu que a história da cidade era a sua própria  
história... A festa da caretagem e o feijão tropeiro,  
casas e igrejas coloniais, antigos quilombos e até  
mesmo uma árvore barriguda fazem parte dessa  
história, contada com a ajuda das crianças da cidade.

